

O **SR. FEU ROSA** (PP-ES pronuncia o seguinte discurso): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, as pesquisas de opinião pública sobre o Governo Lula têm-se mostrado favoráveis a ele nos últimos 90 dias, inclusive afirmando que a avaliação do governo caiu e a avaliação pessoal do presidente subiu um pouco.

O Presidente Lula terminou bem o ano de 2004 e começou bem 2005, em termos de pesquisa. Numa simulação atual das eleições de 2006 para o mais alto cargo político do Brasil, somente uma pesquisa de repercussão nacional que foi publicada colocou nosso Presidente disputando com o prefeito Serra um segundo turno, e assim mesmo com vantagem. Não existem hoje concorrentes sérios para disputar uma eleição com nosso Presidente.

No entanto, uma visão mais crítica e mais profunda me faz acreditar que não serão tão fáceis as coisas para ele no projeto de reeleição. Alguns pontos afloram de imediato. O primeiro são os governadores e prefeitos de cidades importantes. Na reeleição, Lula não deverá contar com os governadores dos estados de maior colégio eleitoral e de muitos outros: Germano Rigotto, do Rio Grande do Sul, e o prefeito de Porto Alegre, Fogaça; Requião, do Paraná; Alckmin, de São Paulo (que é o mais provável concorrente) e o prefeito da cidade de São Paulo, José Serra; Rosinha Garotinho, do Rio e Aécio Neves, de Minas.

Transportando-se a situação atual para a da próxima eleição, além de Lula não poder contar com Rigotto, Requião, Alckmin (seu mais provável futuro adversário de mais peso), Aécio, Rosinha Garotinho, há, também, Jarbas

Vasconcelos, Lúcio Alcântara e Marconi Perillo, no mínimo. Ora, sabe-se que, independente da política com os governadores, não vai ser possível re-editar para, digamos, o Rio de Janeiro, 80% dos votos para o nosso Presidente. Pelo outro lado, mesmo dentro de seu partido, muito se perdeu de apoio, isso sem contar com os aposentados, funcionários públicos (mormente federais) e outros.

Nas classes empresariais, a desconfiança (talvez até irracional) é grande, apesar dos aumentos de produção e vendas e da exportação. Todos alardeiam que a política econômica está bem, a inflação sob controle e o emprego está crescendo. Mas eu não vejo sustentabilidade nisso, com as taxas de juros nas alturas, as maiores no mundo, e a carga tributária de padrão semelhante. No meu entender, as questões de infra-estrutura, principalmente de transportes, energéticas (essa em menor grau, mas ainda preocupante) e de meio ambiente, têm inibido muito os investimentos, e comprometido numa possível gordura extra de pontos percentuais de pesquisa que seriam fundamentais como margem de segurança no pleito futuro.

Em termos numéricos quantitativos, o Governo pode até estar bem, mas em termos qualitativos eu creio que não.

Continuamente, faço pesquisa informal com meus colegas de Câmara e Congresso do Brasil, toda uma amostragem razoável e bem crítica, pró e contra o Governo.

Não vejo fundamentos positivos consistentes nos números apresentados, mesmo sem um possível concorrente, ou possíveis concorrentes, de peso.

Entre os tropeços extremamente suspeitos e bem explorados pela Oposição e em face das contradições entre o que foi pregado nas campanhas de três eleições e a realidade pragmática do gerenciamento do Governo, em termos qualitativos, candidatos como Alckmin, César Maia e Garotinho, em 90 dias de campanha, têm muita chance de contabilizarem-se rapidamente para números competitivos contra o Presidente Lula.

É óbvio que num segundo turno o Presidente chegará. No entanto, os fundamentos qualitativos atuais de seus votos praticamente não têm nenhuma com seus fundamentos anteriores.

Como partícipe de sua base de apoio, isento dos exageros que tanto a comprometeram, eu diria, assustado, que, em termos estratégicos, é muito difícil, apostar-se na re-eleição de nosso Presidente. Inclusive, há dois fatores importantíssimos, além dos mencionados, que sempre pesaram nas eleições brasileiras: primeiro, a conjuntura externa: por várias razões, existe muita incerteza sobre como irá se comportar o mundo em 2005, mormente a desvalorização do dólar, devido à guerra no Iraque; segundo, o de que o poder real no Brasil é muito concentrado. Uma dúzia de empresários ou instituições reunidos podem fazer um estrago grande em qualquer candidatura, e muitas organizações importantes têm dado sinais negativos de insatisfação com o

Governo Federal. O comportamento de tais agentes tem força para mudar a conjuntura política decisivamente a favor ou contra o Presidente.

Taticamente falando, alguma divisão no bloco de governadores, pró-Lula, pode ajudar muito e pelo menos a partir dali, enfrentar-se a campanha, em que tudo pode acontecer até às vésperas das eleições, algo já bem testado pelo nosso Presidente e que não lhe deverá causar qualquer surpresa.

Muito Obrigado.